



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## **A Diplomacia do Jazz no Brasil: a crise de Little Rock e viagem de Louis Armstrong como ferramenta de política externa**

José Victor de Lara<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante os anos de 1950 e 1960, o Departamento de Estado dos Estados Unidos patrocinou viagens de jazzistas por vários países do mundo. O jazz foi utilizado como uma importante ferramenta da política externa estadunidense no período da Guerra Fria. Esse programa ficou conhecido como Embaixadores do Jazz. Este artigo analisou o funcionamento do programa da diplomacia do jazz no Brasil, observando a viagem de Louis Armstrong em novembro de 1957. Ademais, propõe-se pensar como a diplomacia cultural estadunidense influenciou na construção do americanismo no Brasil ao longo do século XX.

**Palavras-chave:** Embaixadores do Jazz; Diplomacia do Jazz; Relações Brasil-EUA.

### **Jazz Diplomacy in Brazil: the Little Rock Crisis and Louis Armstrong's Travel as a Foreign Policy Tool**

**Abstract:** During the 1950s and 1960s, the U.S. Department of State sponsored jazz tours around the world. Jazz used to as an important tool of American foreign policy in the Cold War period. This program become know as Jazz Ambassadors. This paper analyzes how jazz diplomacy program operated in Brazil, observing Louis Armstrong's trip in November 1957. In addition, the paper proposes to think about how American cultural diplomacy influenced the construction of Americanism in Brazil throughout the twentieth century.

**Keywords:** Jazz Ambassadors; Jazz Diplomacy; Brazil-US Relations.

### **Introdução**

Os Estados Unidos da América continuam a exercer um peso gigantesco no imaginário brasileiro. Em nosso país impera a visão dos estadunidenses como uma sociedade economicamente próspera, cercada de valores patrióticos. Uma terra de oportunidades ilimitadas para aqueles que trabalham, onde as instituições estatais são eficientes, os serviços públicos e privados funcionam em harmonia e a lei é aplicada com firmeza e sem parcialidades. Nesta terra a confiança rege as relações sociais, bem como o livre-mercado. Lá, é possível viver o sonho da felicidade alicerçada no capitalismo liberal e usufruir de um alto padrão de consumo. Esses elementos idealizados criaram em certos setores da sociedade brasileira uma admiração pelo modelo de sociedade estadunidense.

## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

Ao longo do século XXI, diversas contradições se revelam e evidenciam as falhas dessa visão imaginada, contudo, o mito do poder dos EUA parece manter-se firme. Nas últimas décadas, a “Grande Potência” tem apresentado sucessivos colapsos em seus tradicionais sistemas financeiro, eleitoral e no próprio tradicionalismo capitalista liberal. Essas fragilidades se mostraram mais evidentes nas eleições presidenciais de 2020 ou na incapacidade de enfrentar a China em uma guerra comercial. Todavia, o abalo mais evidente foi a incapacidade de mobilizar-se no combate a pandemia de Covid-19, onde num primeiro momento, seu poderio se mostrou incapaz de lidar com uma crise de saúde pública em grandes proporções.

Mesmo diante dessas demonstrações, parece ser impossível tirar o brilho do verniz do americanismo no âmago da sociedade brasileira. Essa admiração, construída historicamente, parece aumentar na medida em que nós também enfrentamos nossas próprias crises e nossos próprios dilemas. Certos setores da elite nacional e da classe média ainda enxergam nos Estados Unidos o que poderíamos ter sido, mas não somos por incapacidade ou incompetência, por preguiça ou por degeneração política, alimentando os próprios mitos que os estadunidenses construíram de si.

Essas fábulas não estão impregnadas em nosso imaginário pelo simples poder do acaso. São construções históricas robustas e que se edificaram em longo prazo. Uma singularidade da sociedade estadunidense é sua capacidade infindável de produzir mitos poderosos sobre si. Mitos de origem – sobre a liberdade e a ascensão de seu poderio militar e econômico<sup>II</sup> – questões que dificultam a análise, mas que enriquecem o estudo acurado de sua própria História. Ao historiador não cabe separar o mito da realidade, são ambos parte de um só corpo, de discurso e de prática, de linguagem e de ação, de símbolos e projeção de poder. Sujeitos e instituições que foram capazes de garantir ao longo do século XX, e de continuar garantindo no século XXI, uma hegemonia global incontestável, mesmo que ameaçada.

Os anos finais da década de 1950 e do início de 1960 são particularmente interessantes para analisarmos historicamente a consolidação dessas visões do Brasil sobre os Estados Unidos. Houve um esforço tremendo no âmbito da política externa estadunidense para que as alianças construídas durante e após a Segunda Guerra Mundial se fortalecessem em um novo ideal de sociedade moderna. Nesses anos, a Teoria da Modernização transbordou das universidades estadunidenses em direção ao alto *staff* do Departamento de Estado, transformando os conceitos de modernização e desenvolvimento econômico em eficazes ferramentas de política externa a serem colocadas em prática para amenizar as turbulências sociais do chamado Terceiro Mundo.

No receituário de intelectuais como Walt Whitman Rostow, Daniel Lerner, Gabriel Almond, Lucian Pye e Max Milikan, as convulsões sociais na Ásia, África e América Latina advinham do conflito entre um mundo moderno e economicamente pujante – a exemplo da Europa e da América do Norte – que se contrastava com as chamadas “sociedades tradicionais”, ainda baseadas em um imaginário supersticioso e em estruturas sociais e econômicas arcaicas. Para Nils Gilman, alicerçados em concepções dicotômicas de sociedade tradicional e moderna, os teóricos da modernização defenderam a existência de um padrão comum de desenvolvimento que simplificou todos os complicados problemas históricos da descolonização e da industrialização. Essa nova ciência econômica e sociológica balizou os programas de ajuda externa e legitimou as intervenções militares dos EUA no Terceiro Mundo a partir de 1950<sup>III</sup>.

## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

A combinação entre democracia e capitalismo eram apresentados como o modelo mais eficiente de sociedade moderna que poderia compartilhar benefícios sociais e liberdade, ao contrário do comunismo. A modernização seria capaz de proporcionar o desenvolvimento tão almejado pelos países do Terceiro Mundo. Todavia, não se tratava apenas de uma revolução econômica. Havia também uma concepção cultural superior na visão dos teóricos da modernização<sup>IV</sup>.

Se capitalismo e democracia eram os modelos político e econômico mais avançados, na música, o jazz era a trilha sonora dessa modernidade. Durante os anos de 1950 e 1960, diversos jazzistas realizaram viagens e shows patrocinados pelo Departamento de Estado com o intuito de aproximar relações, propagandear as virtudes dos Estados Unidos e amenizar crises diplomáticas. Ao longo dos anos de 1950, o jazz foi incorporado pela política externa estadunidense como uma importante ferramenta para divulgar os valores do americanismo no mundo. Este artigo analisa a atuação do programa de diplomacia cultural denominado *Jazz Ambassadors*. Para entendermos o seu funcionamento, este estudo analisa especificamente a viagem de Louis “Satchmo” Armstrong pelo Brasil em 1957, durante o contexto da crise gerada pelo emblemático caso de Little Rock.

O ano em questão foi um dos ápices da disputa cultural e científica entre União Soviética e os Estados Unidos no Brasil, dois grandes eventos culturais agitaram a elite paulista e carioca em 1957. A URSS enviou o Ballet Bolshoi ao Brasil, considerado o maior evento cultural do ano. Em contrapartida, o Departamento de Estado deu suporte a vinda de Louis Armstrong em uma turnê pela América Latina. No Brasil, Satchmo fez uma série de apresentações nos teatros municipais no Rio e em São Paulo, além de apresentações a preços populares no Parque do Ibirapuera e no Maracanãzinho, mas o foco desse estudo foi seus compromissos diplomáticos.

Descortinando a disputa cultural da Guerra Fria, foi possível observar como a vinda de Armstrong teve o claro objetivo de amenizar os impactos internacionais da Crise de Little Rock e do avanço dos movimentos pelos Direitos Civis que ganhavam corpo nos Estados do sul dos EUA. Nossa análise foi feita por intermédio de fontes diplomáticas e de jornais da época<sup>V</sup>, tendo como escopo a organização, o planejamento da passagem de Louis Armstrong pelo Brasil, tendo como foco sua agenda diplomática<sup>VI</sup>.

### O Jazz contra os Soviéticos

Durante a Guerra Fria, a América Latina foi palco de diferentes formas da disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética por predominância e influência de seus interesses políticos, econômicos e culturais. A partir de 1953, com a morte de Josep Stálin, os soviéticos reformularam suas concepções sobre um conceito caro aos comunistas: o internacionalismo. A ideia de uma luta internacional era central aos bolcheviques, mas perdeu importância com a morte de Vladimir Lênin em 1924. Com o fim do isolamento externo característico do stalinismo, a URSS deu início a uma abertura controlada e gradual da sociedade soviética alterando suas relações com o mundo. A intenção dessa política era mostrar aos países capitalistas um socialismo renovado, mais humano, em contraste com os anos sombrios de Stálin, e que se colocava como um modelo real de modernização aos países do chamado Terceiro Mundo<sup>VII</sup>.

Moscou passou a sediar eventos internacionais e a promover um amplo intercâmbio cultural com a América Latina. Tobias Rupprecht, ao analisar esse processo, argumenta que o desenvolvimento dessas interações culturais entre os soviéticos e os latino-americanos acabou

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

por alterar as relações dos Estados Unidos com seus vizinhos do sul. As aproximações culturais com os comunistas obrigaram os *policymakers* de Washington a repensar toda a questão Hemisférica<sup>VIII</sup>. No âmbito das relações internacionais, a União Soviética passou a propagar um discurso que tocava em uma profunda ferida aberta da sociedade estadunidense: as leis de segregação racial. O objetivo da propaganda era caracterizar a sociedade estadunidense como racista e segregacionista, criticando sua cultura capitalista como algo decadente, imoral, materialista e individualista<sup>IX</sup>. O argumento soviético se baseava na ideia de que como o país que se autodenominava o representante do mundo livre e berço da democracia capitalista podia falar em liberdade enquanto negavam violentamente direitos a população negra de seu país?

Em 1954, durante o governo do presidente republicano Dwight D. Eisenhower, o Departamento de Estado deu início a um amplo programa de política externa que tinha como prioridade o intercâmbio cultural. O escopo do projeto era aprofundar esses processos de transferência cultural dos valores estadunidenses, encontrando formas de integrar essas ações no combate ao comunismo e a responder ao ataque da propaganda soviética contra os EUA. Em um documento enviado ao Congresso dos EUA pelo Departamento de Estado, intitulado *Mutual Understanding in the Nuclear Age*, o Secretário de Estado, John F. Dulles lançou uma série de programas, entre eles o *Ambassadors of America Culture*, que tinha como prioridade financiar artistas e atletas em apresentações de música, ballet e atividades esportivas pelo mundo<sup>X</sup>. Dentro deste projeto, o jazz ocupou tendo um espaço de destaque nesses programas de diplomacia cultural, justamente por ser uma manifestação da cultura negra dos EUA.

O Departamento de Estado criou um programa específico para financiar viagens de jazzistas ao redor do mundo. Entre os anos de 1955 e finais de 1960, Duke Ellington, Louis Armstrong, Dizzy Gillespie, Dave Brubeck, Charlie Byrd e outros, fizeram turnês patrocinadas pelo governo dos EUA por diversos continentes. O programa *Jazz Ambassadors*, como ficou conhecido posteriormente, esteve entre as prioridades da política externa estadunidense entre 1950 e 1960 e possuía um elemento fundamental que o diferenciava de outros programas da diplomacia cultural. De acordo com Lisa E. Davenport, o jazz foi impregnado tanto de um realismo da política externa cultural dos Estados Unidos – pensada em termos da contenção do comunismo – como foi carregada de um idealismo sobre a própria cultura estadunidense. Isso fez do jazz um instrumento peculiar e enigmático da guerra ideológica contra a União Soviética. Em um resultado paradoxal, o jazz, a expressão cultural dos negros estadunidenses, uma minoria oprimida nos EUA, passou a simbolizar a superioridade cultural da democracia, caracterizando o que a autora chama de “Diplomacia do Jazz”<sup>XI</sup>.

No Brasil, as ações do *Office of the Coordinator of Inter American Affairs* ao longo dos anos de 1930 e 1940, havia cimentado a cultura e os valores estadunidenses entre os brasileiros. Esses esforços foram fundamentais para disseminar uma imagem positiva dos Estados Unidos no Brasil durante os anos de Franklin Delano Roosevelt e da Política de Boa Vizinhança, fortalecida na aliança entre os dois países durante a Segunda Guerra Mundial. Esse processo produziu novas formas de manifestações e de entendimento dos brasileiros sobre a sociedade estadunidense, processo que Antônio Pedro Tota chamou de “americanização”<sup>XII</sup>.

A absorção da cultura estadunidense entre os brasileiros foi fundamental para o governo dos EUA criar um ambiente favorável aos seus investimentos e um escudo de proteção contra as ideologias de esquerda na América Latina. Intervenção legitimada pelas

## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

elites e por parte da classe política brasileira. O Brasil buscava nos anos de 1950 a modernização e o desenvolvimento de seu sistema capitalista por meio da industrialização e da abertura ao capital internacional e vivenciou todo o impacto da influência da política externa estadunidense em diversos setores do cotidiano. A americanização modificou hábitos, costumes, consciência e linguagem, não só nas classes dominantes, mais próximas e sensíveis, mas também entre as classes populares. Aos poucos a referência civilizatória europeia, essencialmente francesa, que dominou o século XIX e o início do século XX, passou a gradualmente ser substituída e incorporada pelas visões do americanismo<sup>XIII</sup>. A música teve um papel elementar no processo de americanização e, no caso do Brasil, especificamente a música negra dos Estados Unidos, sobretudo, o blues, o swing e o jazz, gêneros que engendraram uma forte identificação entre as duas sociedades.

### A Miscelânea entre Jazz e o Americanismo

A junção do espírito de protesto do jazz<sup>XIV</sup> a um ideal nacionalista estadunidense não ocorreu de forma automática. Diante das fortes pressões que os soviéticos investiram sobre os aspectos estruturais do racismo nos Estados Unidos, o país passou a defender sua visão de liberdade demonstrando ao mundo que a expressão moderna da cultura estadunidense, o jazz, era fundamentalmente negra. A ideia do governo estadunidense foi justamente criar uma noção de que a sociedade estadunidense era diversificada e a variedade cultural de sua população era a verdadeira herança ocidental<sup>XV</sup>. A intenção era contrapor-se a visão monolítica da sociedade soviética, apresentando um país plural e de grande diversidade cultural. Com essa perspectiva, o governo Eisenhower passou a exportar uma concepção dos EUA como respeitador de tradições nacionais, mas que presava pela liberdade de seus cidadãos.

Para Yoshiomi Saito o jazz, desde sua origem em Nova Orleans, tem a improvisação como sua característica fundamental, onde cada estágio do desenvolvimento do gênero se torna a busca de uma expressão cada vez mais livre. Saito sublinha que isso possibilitou a associação do jazz com uma filosofia da liberdade, tendo como centro a criatividade individual dos jazzistas. Seria nesse ponto a base que reside a relação entre jazz e a política. O jazz não só foi entendido apenas como um gênero, mas também como um ícone musical simbólico que representa a noção de "América", incorporando os ideais nacionalistas<sup>XVI</sup>.

Pensamos que esses aspectos quase míticos do pensamento estadunidense sobre si em termos de um discurso imaginado que, ao ser secularizado, tornam-se um tipo de ideologia manifestada na política externa. Ao contrário do que pensa o historiador Arthur Schlesinger Jr., essas visões secular, histórica e empírica, não se contradizem com a perspectiva mítica do papel internacional dos EUA. Schlesinger pensa em um rompimento entre um ideário empírico e outra dogmático<sup>XVII</sup>. Na verdade, ambos formaram uma síntese, entre o realismo político – os problemas a serem enfrentados no cenário internacional, aliado com a defesa e necessidade da expansão do capitalismo.

A diplomacia do jazz é um exemplo disso. Ao ter de lidar com a sedução soviética de um projeto de modernização que rivalizava com o capitalismo e de um socialismo vivo que prometia, naquele contexto, curar os males da exploração dos povos oprimidos, o governo do EUA evocou uma manifestação cultural negra, financiando artistas e promovendo o jazz como expressão da liberdade que, de acordo com o discurso do Departamento de Estado, só poderia ser desfrutada em uma sociedade democrática e capitalista. Ou seja, criou-se um

## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

imaginário sobre o jazz e sobre os jazzistas que tinha por objetivo expressar as concepções do americanismo ao redor do mundo. Dessa forma, o jazz ganhava o status de música popular estadunidense, de origens folclóricas, fruto da expressão dos escravizados na América, essencialmente representativa da alma dos negros e negras e do desenvolvimento das capacidades individuais em uma sociedade livre.

Isso forma uma miscelânea, uma mistura confusa, que resultou em contradições. Hobsbawm sublinha que o jazz surge como uma manifestação de protesto, não necessariamente político, mas que produziu um ideal de arte socialmente mais sólido atingindo diversificadas classes sociais<sup>XVIII</sup>. Todavia, a apropriação do jazz pelo Departamento de Estado passa a formar essa miscelânea que percebe o gênero musical como legitimador do próprio sistema que oprimia e legitimava o racismo. Nesta interpretação inserida pela política externa dos Estados Unidos, o jazz se torna um estilo de música único, que valorizava, sobretudo, a liberdade de improviso e que rompia com os dogmas da música clássica europeia, sendo a expressão de uma sociedade moderna e desenvolvida. Os jazzistas, por sua vez, se destacavam como homens e mulheres negras que venciam as barreiras sociais da pobreza e com música e talento alcançavam o sucesso, a fama e a fortuna. Isso só era possível em uma terra de liberdades.

Um desses exemplos é discutido por Nichollas John Cull que analisa o papel fundamental da rádio *Voice of America* (VOA) na difusão da diplomacia do jazz. Criado durante a Segunda Guerra Mundial, o programa levou música e outros temas do americanismo para diversos locais do mundo, inclusive para o Brasil. Durante a Guerra Fria, o VOA transmitiu em ondas curtas para grande parte da União Soviética e de seus países satélites. Entre os radialistas do *Voice of America*, Cull destaca o papel fundamental do especialista em jazz Willis Conover que durante um grande período foi o mais destacado radialista do VOA<sup>XIX</sup>. Conover resumiu essa junção entre jazz e o americanismo:

O jazz é um paralelo musical ao nosso sistema político e o sistema social americano. Concordamos antecipadamente com as leis e costumes que obedecemos e, tendo chegado a um acordo, somos livres para fazer o que quisermos dentro dessas restrições. É o mesmo com jazz. Os músicos concordam com a tonalidade, as mudanças harmônicas, o andamento e a duração da peça. Dentro dessas diretrizes, eles são livres para tocar o que quiserem. E quando pessoas de outros países ouvem a qualidade da música, isso estimula a necessidade de liberdade em suas vidas<sup>XX</sup>.

O jazz, nessa interpretação feita pelo governo dos EUA e por outros membros da sua sociedade, fazia do gênero musical a representação de uma sociedade livre, democrática, representativa dos valores nacionais e do orgulho construído em uma sociedade diversa. Elevar o jazz ao status de expressão máxima da cultura estadunidense foi uma maneira encontrada para aliviar as tensões exógenas com os constantes casos de racismo e as agitações que começavam a surgir em todo o território pelos Direitos Civis no final dos anos de 1950. Entre os episódios mais marcantes sobre o combate às leis de segregação, o caso de Little Rock é emblemático e tem um papel importante na vinda de Louis Armstrong ao Brasil.

### Os Ecos de Little Rock

As leis de segregação racial surgiram principalmente nos estados do Sul dos Estados Unidos após a derrota dos Confederados na Guerra da Secessão. Em 1885, ocorreu a separação entre brancos e negros também em instituições de ensino. Ao longo do século XX,

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

as leis de segregação permaneceram em grande parte dos estados sulistas. Em relação a segregação escolar, apenas em 1954 os pais de uma criança negra de sete anos, chamada Linda Brown, protestaram judicialmente e venceram em uma decisão da Suprema Corte que declarou inconstitucional a separação racial entre estudantes nas instituições de ensino. A decisão é conhecida como *Brown versus Board Education of Topeka*, um marco importante dos Direitos Civis nos EUA<sup>XXI</sup>.

Em setembro de 1957, com a decisão da Suprema Corte, estudantes negros e negras da cidade de Little Rock no estado do Arkansas exigiram o ingresso na *Central High School*, uma instituição até então reservada apenas para brancos. O governador do Arkansas, o democrata Orval Eugene Faubus, convocou a Guarda Nacional do estado para impedir a entrada de estudantes negros na escola, além de se declarar abertamente contrário a decisão de Suprema Corte. No emblemático dia 3 de setembro de 1957, os nove adolescentes tentaram entrar na instituição de ensino pela primeira vez e foram impedidos por uma barreira de soldados de Faubus ovacionados por uma multidão de brancos. No dia seguinte, Elisabeth Eckford, uma aluna negra de 15 anos, quase foi linchada pela multidão. A tropa a serviço do governador não tentou impedir a ação<sup>XXII</sup>.

Faubus encorajou uma campanha rapidamente para defender a segregação escolar. Mobilizou como pode a classe trabalhadora branca em manifestações públicas de propaganda racista e ameaças violentas, insuflando membros da *Kun Klux Klan* a atacar ativistas negros em vários locais<sup>XXIII</sup>. A crise em Little Rock ganhou repercussão nacional e internacional e passou a impactar o mundo do jazz.

Em 1956, Louis Armstrong havia visitado Gana em uma estrondosa passagem pelo continente africano como parte do programa *Jazz Ambassadors*. Gana passava pela luta por sua independência, que seria alcançada em março de 1957. A principal liderança política do país, o socialista Kwame Nkrumah, era uma das principais figuras do movimento dos não-alinhados da Conferência de Bandung (1955) e um dos propagadores internacionais da criação de um bloco de países que se orientariam fora da bipolaridade da Guerra Fria. Portanto, era profundo interesse dos Estados Unidos estreitar relações com o país africano.

Aquela viagem deixou claro ao Departamento de Estado o enorme poder de mobilização que a figura dos jazzistas podia causar em termos de política externa. Do ponto de vista da diplomacia, a missão do *Jazz Ambassadors* de Armstrong havia sido espetacular. Uma gigantesca recepção a Louis Armstrong abriu possibilidades de estreitar relações com Gana. Seguindo o sucesso, o Departamento de Estado estava a planejar uma turnê de Armstrong pela União Soviética. Naquele momento, Satchmo já era a expressão da ideia do *Jazz Ambassadors*. Segundo Penny M. Von Eschen, Armstrong, assim como muito estadunidenses, foi inspirado pela consciência do crescente movimento dos Direitos Civis dos negros no sul. O contato com o povo de Gana criou nele uma aproximação ainda maior com o povo negro sulista e com sua identidade. Como embaixador do jazz, o trompetista tinha plena compreensão da ironia de um homem negro como ele representar internacionalmente um país ainda segregado<sup>XXIV</sup>.

A explosão do caso de Little Rock fez Armstrong abandonar as negociações de sua ida para a URSS à serviço do Departamento de Estado. Sem uma resposta forte do presidente Eisenhower em relação a crise para fazer cumprir a decisão da Suprema Corte, Armstrong disse que o governo da forma que tratava os negros no Sul poderia ir para o inferno com suas intenções. Declarou ainda que Eisenhower era um sujeito “duas caras”, “um homem sem coragem” e disse: Está ficando tão ruim que um homem de cor não tem mais país<sup>XXV</sup>”. Além

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

da recusa de participar da turnê, a declaração pública do jazzista de que os negros do sul não tinham um país deixou o Departamento de Estado alarmado. Apesar da pressão de seu empresário, Pierre Tallerie, e da insistência para manter a viagem à União Soviética, Armstrong manteve-se firme na recusa<sup>XXVI</sup>.

Alguns dias após o governador Faubus colocar as tropas na rua, Eisenhower passou a forçar uma negociação com o governador. O presidente não era nenhum paladino da defesa antirracista, nem um entusiasta do movimento negro. Todavia, a questão passou a representar um embate entre o poder federal e estadual. Quando o presidente finalmente enviou tropas federais para garantir a integração em Little Rock, Armstrong saiu imediatamente em defesa do presidente, dizendo que os EUA era mesmo um país maravilhoso<sup>XXVII</sup>. A rápida mudança de posicionamento, a partir do que pudemos apurar, advinha do fato de Armstrong não gostar de se envolver em questões políticas. Nos relatos discutidos por Von Enshen, a viagem para Gana havia impactando-o enormemente e criado uma sensibilização com a causa dos negros em seu país, mas não a ponto de politizá-lo<sup>XXVIII</sup>.

A crise de Little Rock e as declarações de Armstrong foram acompanhadas de perto pela imprensa brasileira. Além da planejada viagem à União Soviética, havia a possibilidade de o Departamento de Estado também financiar uma vinda de Satchmo a América do Sul e, conseqüentemente, ao Brasil. Em 20 de setembro de 1957, o jornal carioca *Correio da Manhã* lançou a matéria “Intimado o governador do Arkansas a depor: oitenta mil membros da Ku Klux Klan aconselham governador a manter-se firme”. No periódico em questão é apresentado a crise Little Rock e como Faubus foi intimidado a depor por não cumprir as ordens da Suprema Corte. Destaca-se na matéria a menção a membros da *Ku Klux Klan* (KKK) do Alabama que estavam a apoiar Faubus. Interessante notar como o periódico trata a KKK como um movimento social comum e legítimo.

Ainda sobre a matéria, o editorial destaca a recusa de Armstrong de ir à União Soviética e sua declaração de que faltava coragem a Eisenhower, além de destacar as tentativas desesperadas do Departamento de Estado de reverter a sua decisão<sup>XXIX</sup>. O jornal destacou que o “embaixador Satchmo agora era conhecido entre os negros estadunidenses como um *Uncle Tom* pela rápida mudança de posição que adotou diante das ações do presidente Eisenhower<sup>XXX</sup>”.

O serviço diplomático estadunidense no Brasil monitorou os ecos de Little Rock. A Embaixada do Rio de Janeiro emitiu um *weekly summary* em 13 de setembro de 1957 dizendo como o caso estava impactando o cenário brasileiro. Segundo o *chargé d'affaires* Woodruff Wallner, os infelizes incidentes em Nashville, Tennessee e no Arkansas haviam recebido uma ampla cobertura da imprensa brasileira de todos os matizes políticos. Alguns jornais repetiram editoriais europeus que criticavam o governo dos Estados Unidos. O relato mais chamativo foi a capa do periódico *O Jornal*, de 10 de setembro, com duas fotografias muito impactantes retratando expressões faciais de brancos com ódio e olhar de vingança<sup>XXXI</sup>.

Em seus comentários, algo cotidiano da documentação diplomática, Wallner se surpreendeu que a imprensa que ele classificava como “comunista e esquerdista” não tinha usado os eventos da forma e extensão que foi prevista. Pelo contrário, as fotos mais impactantes estavam nas primeiras páginas de jornais não esquerdistas. Para Wallner o fato de Little Rock ter sido coberto pela imprensa “conceituada” demonstrava o enorme dano na imagem dos EUA no Brasil. O que surpreendeu o diplomata é que jornais considerados de esquerda, como *Última Hora* e *Imprensa Popular*, estavam dando destaque ao avanço do movimento antirracista ao invés de atacar o governo estadunidense. Ele não ousou opinar o



## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

motivo disso e termina dizendo que qualquer análise naquele momento era mera especulação<sup>xxxii</sup>.

Pouco mais de um mês depois, quando Louis Armstrong chega ao Brasil, sua vinda foi utilizada como uma forma de amenizar os impactos do caso de Little Rock. Tornou-se evidente durante a pesquisa que o Departamento de Estado utilizou a viagem de Armstrong pela América do Sul como ferramenta para amenizar os ecos da crise internacional. A popularidade do artista, seu estilo musical e o fato de ser um homem negro foi amplamente usado como instrumento de aproximação e identificação com o povo latino-americano, criando a ideia de que as movimentações nos Estados do Sul dos EUA eram apenas manifestações democráticas e isoladas.

### A Diplomacia do Jazz em Funcionamento

Durante a pesquisa na imprensa brasileira foi possível observar o amplo esforço dos EUA para implementar a cultura e o gosto pelo jazz no Brasil ao longo da década de 1950. No período em questão a identificação positiva dos EUA já imperava entre os brasileiros. Era comum a publicação de longas listas de sugestões para os leitores montarem suas discotecas de jazz. Duke Ellington, Benny Goodman, Ella Fitzgerald, Charlie Parker e claro, Louis Armstrong. O jazz aparecia como expressão de uma arte musical moderna, uma manifestação cultural poderosa dos negros e negras estadunidenses<sup>xxxiii</sup>. Em janeiro de 1956, um empresário e produtor artístico carioca chamado Dante Viggiani deu início às negociações que possibilitariam Satchmo vir ao Brasil com o patrocínio do Departamento de Estado. Viggiani já havia sido o intermediador de outro show do *Jazz Ambassadors*. Em agosto de 1956 Dizzy Gillespie esteve no Brasil patrocinado pelo programa e contrato pelo empresário.

Antes da viagem se confirmar, uma série de matérias foram publicadas cobrindo a vida e a história de Armstrong. O grande destaque nesses artigos era sua trajetória. As reportagens salientaram a origem pobre nos arredores de Nova Orleans e como um homem negro, com talento e simpatia, alcançou a fortuna e a admiração de todo um país. Em essência, destacava-se a ideia de liberdade possibilitada pelo capitalismo estadunidense, os jornais argumentavam que com talento, trabalho duro e persistência qualquer um podia atingir o sucesso, até mesmo um homem negro e de berço humilde<sup>xxxiv</sup>.

A leitura dos jornais destacou o interessante papel da rádio *Voice of America* na divulgação do conteúdo de jazz no Brasil. Havia transmissões de programas chamados *Music USA*, geralmente nos finais de semana à noite e às vezes com horas reservadas apenas ao trabalho de um jazzista em específico, no início de 1957 vários programas foram dedicados a Armstrong<sup>xxxv</sup>, uma forma de fixar o gosto pelo músico entre os brasileiros.

No início de 1957 chegou aos cinemas nacionais a comédia musical *High Society* dirigido por Charles Walters. A trama trazia as grandes estrelas de Hollywood da época: Grace Kelly, fazia uma bela mulher disputada pelos dois galãs mais populares dos EUA, Bing Crosby e Frank Sinatra. O filme tinha a participação de Louis Armstrong nas músicas. Logo na abertura ele e seu grupo, *All Stars*, cantavam a música tema do filme *High Society Calypso*<sup>xxxvi</sup>, que fez um sucesso considerável no Brasil. No entanto, o ponto alto do filme segundo os críticos é a canção *Now You Has Jazz*, com Crosby e Armstrong em certa altura do filme. O sucesso do musical nos cinemas paulistas e carioca ajudaram a aumentar a euforia pela vinda do trompetista.

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

Em 15 de junho de 1957 se confirma a vinda de Satchmo e sua agenda na América do Sul. Os shows aconteceriam em Buenos Aires, Montevideu, Rio de Janeiro e São Paulo e, por fim, Caracas, na Venezuela. Um dado fundamental é que como embaixador do jazz em parceria com a Embaixada dos EUA no Brasil, se colocou em uma série de compromissos diplomáticos do governo Estados Unidos.

O embaixador Ellis O. Briggs ofereceu em sua residência um coquetel de recepção ao “embaixador Armstrong”, no mesmo dia em que o avião do jazzista pousou no Galeão. Os anúncios nos jornais diziam que artistas e intelectuais estariam presentes para conhecer o grande astro da música estadunidense. Há muitas fotos de Satchmo com artistas brasileiros, destacando a sua conversa e trocas musicais com Pixinguinha. Entre os compromissos de Armstrong, ocorreu um almoço com o presidente Juscelino Kubitschek no Palácio Laranjeiras, acompanhado do serviço diplomático dos EUA e do embaixador. Entre abraços, risos, discursos, whisky e moqueca, o encontro foi amplamente coberto pela imprensa e destacando a alcunha de embaixador do jazz<sup>XXXVII</sup>.

No Brasil, as apresentações de Armstrong ocorreram durante o mês de novembro de 1957. Nos teatros municipais no Rio de Janeiro e São Paulo, os shows foram direcionados às elites em eventos de gala. Além disso, outros shows foram realizados no Parque do Ibirapuera (SP) e no Maracanãzinho (RJ). Os preços anunciados nos jornais eram realmente baixos, Cr\$ 50,00 cruzeiros. Em comparação com o salário mínimo em setembro de 1957, que era de Cr\$ 3.800,00, é possível explicar em parte o imenso comparecimento do público no Ibirapuera, quase 15 mil pessoas segundo as fontes da época<sup>XXXVIII</sup>.

Para compreender a importância dessa passagem, no final de 1957, o embaixador O. Briggs foi convidado pelo jornal Correio da Manhã para um balanço das relações entre o Brasil e os Estados Unidos no decorrente ano. Entre os destaques, o embaixador lembrou da instalação da base de monitoramento de mísseis construída em Fernando de Noronha para defesa do Hemisfério. Destacou os dezoito novos empréstimos que o governo brasileiro adquiriu com o Eximbank, somando cerca de 195 milhões de dólares. Falou da parceria entre os dois países na construção do primeiro reator nuclear de pesquisas do Brasil. Também deu destaque a demonstração de habilidade e o poder apresentado pelo Esquadrão de Demonstração Aérea *Thunderbirds* da Força Área dos EUA em visita ao Brasil. Asseverou a manutenção do programa de cooperação técnica Ponto IV com 300 bolsas concedidas, além de um grande intercâmbio educacional. Todavia, a viagem de Armstrong entrou como um o ponto alto: “tenho o prazer de mencionar Louis Armstrong e o seu pistão. Este músico norte-americano soprou o seu instrumento qualquer restrição que porventura existisse entre os que apreciam o “jazz”, e distinguiu-se, ele próprio, com uma afabilidade que conquistou todos os corações tanto dos todos os corações tanto dos brasileiros quanto dos norte-americanos<sup>XXXIX</sup>”.

Tanto a imprensa como o serviço diplomático trabalharam para criar entre Armstrong e a sociedade brasileira uma forte identificação, um elo que pudesse unir a identidade musical do Brasil com o jazz dos EUA. Em um longo relatório de 27 de setembro de 1957 é possível encontrar quais os interesses do Departamento de Estado nesses esforços. O telegrama intitulado *Some Psychological Considerations on the Current National Situation in Brazil* teve como escopo analisar os fatores psicológicos presentes na sociedade brasileira baseada em uma perspectiva cultural. A questão era justamente captar os sentimentos dos brasileiros com relação aos EUA<sup>XL</sup>.

O documento assinado pelo cônsul Stephen W. Baldanza, mas preparado por todo o *staff* da embaixada no Rio de Janeiro, afirma que apesar de uma grande oscilação entre

## A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

atitudes favoráveis e desfavoráveis, de modo geral, os brasileiros tinham um grande senso de cooperação com os EUA. O problema advinha do que eles definiram como *anti-americanism*. Segundo o relatório, esse sentimento provinha principalmente de setores nacionalistas e comunistas e que, apesar de ser discursos pontuais, no longo prazo poderia atrapalhar a relação entre os dois países. Mais do que isso, o relatório sugere que os interesses comunistas poderiam prevalecer caso o sentimento antiamericano não fosse combatido, podendo levar o Brasil a se “divorciar” dos EUA, comprometendo a segurança hemisférica e promovendo obstáculos ao crescimento econômico, na expectativa de que os comunistas poderiam assumir o controle do país em um futuro próximo.

O mais interessante desse documento é que na análise do serviço diplomático a cultura estadunidense só era reconhecida no Brasil por meio de suas conquistas científicas e tecnológicas. Esse era um ponto muito consolidado pelos brasileiros, mas era perigoso e frágil reconhecer as virtudes dos EUA apenas por esse aspecto. Era necessário corrigir essas lentes inserindo outras referências culturais para além do progresso tecnológico. Afinal, qualquer nação com o ímpeto pelo desenvolvimento científico poderia ser igualmente admirada, inclusive os soviéticos. Dentro dessas questões, era de extrema importância observar as vulnerabilidades dos Estados Unidos com relação às leis de segregação. O documento concluiu que o Brasil também sofria com o racismo e esse poderia ser um ponto de aproximação cultural eficaz. O diplomata não cita o programa *Jazz Ambassadors*, mas é evidente como esse esforço se concretizou com os objetivos expostos pela embaixada.

### Considerações finais

A viagem de Louis Armstrong pela América do Sul teve claros propósitos de amenizar o impacto internacional da crise de Little Rock. Em 29 de novembro de 1957, a embaixada dos EUA no Rio de Janeiro emitiu um telegrama avaliando os impactos da turnê do jazzista. Segundo Wallner o impacto psicológico da música e das apresentações de Satchmo no Rio e em São Paulo foram maiores do que todos os esforços anteriores daquele ano como, por exemplo, a demonstração dos caças *Thunderbird*. A combinação entre o jazz e a personalidade de Armstrong fizeram dele a mais popular figura dos EUA que havia passado pelo Brasil nos últimos anos. O diplomata lembrou do almoço com o embaixador e JK no Palácio Laranjeiras, os inúmeros compositores, radialistas, artistas, jogadores de futebol, jornalistas, e outros adoradores do jazz que se esforçaram para conhecer Armstrong. Wallner lembrou que quando questionado sobre Little Rock, o embaixador do jazz soube se esquivar das questões mais perigosas, chegando a declarar que as pessoas negras tem as mesmas oportunidades que as brancas nos EUA. Para o diplomata, o fato de Armstrong ser negro foi fundamental para a popularidade que adquiriu no Brasil. Ele sublinhou que brasileiros aceitavam mais facilmente pessoas negras e que as admiravam quando atingiam sucesso. Por fim, o diplomata terminou dizendo que a música era uma ótima forma de ganhar o coração dos brasileiros, já que eles amavam a melodia e o ritmo e pessoas de personalidade afável<sup>XLI</sup>.

À guisa de conclusão, é interessante notar a tentativa da imprensa brasileira de alinhar Louis Armstrong a uma imagem de proximidade com o Brasil. Seja nos longos perfis que destacavam os anos iniciais de pobreza e a ascensão de um homem negro por intermédio da música, destacando as capacidades de um indivíduo em uma sociedade capitalista. Dos robustos estudos de Davenport e Penny Von Eschen no mundo acadêmico ou no documentário produzido pela PBS em 2018 sobre o *Jazz Ambassadors*, temos exemplos de

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS  
ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

esforços recentes para entender a profundidade e a complexidade desse programa em âmbito global. Esse estudo possibilitou demonstrar uma questão fulcral: entendermos como funcionava uma missão cultural de diplomacia e como ela operava em termos práticos, principalmente nas soluções de problemas de política externa, ao mesmo tempo em que se construía o combate ideológico da Guerra Fria.

## Notas

<sup>I</sup> Professor colaborador de Teoria e Filosofia da História na Universidade Estadual do Paraná – Unespar-Paranavaí. Doutorando em História Política na Universidade Estadual de Maringá. Membro do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (Labtempo-UEM). E-mail: josevictorlara@gmail.com.

<sup>II</sup> Ver RAFHAEL, Ray. **Mitos sobre a Fundação dos Estados Unidos**: a verdadeira história da independência norte-americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>III</sup> GILMAN, Nils. **Mandarins of the Future: modernization theory in Cold War America**. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2003.

<sup>IV</sup> GILMAN, op. cit.

<sup>V</sup> Toda pesquisa relacionada a imprensa foi feita na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

<sup>VI</sup> O *Opening the Archives Project* é esforço conjunto entre a Brown University e a Universidade Estadual de Maringá, tendo como principais instituições parceiras o *National Archives and Records Administration* – NARA e o Arquivo Nacional. O objetivo do projeto é digitalizar e indexar documentos do governo dos Estados Unidos sobre o Brasil e torná-los disponíveis para o público em sites de acesso livre. Os documentos podem ser consultados em sites espelho criado por ambas as universidades:

[https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id\\_644/](https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id_644/) e <http://www.comcap.uem.br/cdo/>.

<sup>VII</sup> RUPPRECHET, Tobias. **Soviet Internationalism After Stalin: interaction and exchange between the URSS and Latin America during the Cold War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

<sup>VIII</sup> RUPPRECHET, 2015.

<sup>IX</sup> DAVENPORT, Lisa E. **Jazz Diplomacy; promoting America in the Cold War Era**. Mississippi: Mississippi University Press, 2009.

<sup>X</sup> DEPARTAMENTO OF STATE. Mutual Understanding in the Nuclear Age. 1956. Acesso em 10/07/2020: <https://hdl.handle.net/2027/umn.31951d03562390j>

<sup>XI</sup> DAVENPORT, op. Cit, 2015.

<sup>XII</sup> TOTA, Antônio Pedro. **Americanização no condicional: Brasil nos anos 40**. Perspectivas. São Paulo, num. 16, 1993, 191-212. TOTA, Antônio Pedro. **O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>XIII</sup> MONIZ BANDEIRA, Luís Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>XIV</sup> Ver HOBSBAWM, Eric J. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>XV</sup> BRAMEN, Carrie Tirado. **The Uses of Variety: modern Americanism and the quest of national distinctiveness**. Massachusetts: Harvard University Press, 2000.

<sup>XVI</sup> SAITO, Yoshiomi. **The Global Politics of Jazz in the Twentieth Century: cultural diplomacy and “American Music”**. New York: Routledge, 2020.

<sup>XVII</sup> SCHLESINGER JR, Arthur. **Ciclos da História Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

<sup>XVIII</sup> HOBSBAWM, Eric J. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>XIX</sup> CULL, Nicholas. **The Cold War and the United States Information Agency: American propaganda and public diplomacy, 1945-1985**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

<sup>XX</sup> Jazz is the musical parallel to our American political system and social system. We agree in advance on the laws and customs we abide by, and having reached agreement, we are free to do whatever we wish within these constraints. It's the same with jazz. The musicians agree on the key, the harmonic changes, the tempo and the duration of the piece. Within these guidelines, they are free to play what they want. And when people in other countries hear the quality in the music, it stimulates the need for freedom in their lives. CULL, 2008, p. 107-108.

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS  
ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

- 
- <sup>XXI</sup> PERRY, Ravi K; PERRY, D. LaRouth. **Little Rock Crisis: what desegregation politics says about us**. New York: Palgrave MacMillan, 2015.
- <sup>XXII</sup> PERRY, PERRY, op. Cit, 2015.
- <sup>XXIII</sup> DIERENFIELD, Bruce J. **The Civil Rights Movement: the black freedom struggle in America**. New York: Routledge, 2021.
- <sup>XXIV</sup> VON ESCHEN, Penny M. **Satchmo blows up the World: Jazz Ambassadors play the Cold War**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004.
- <sup>XXV</sup> “It’s getting so bad a colored man hasn’t got any country”. VON ESCHEN, 2004, p. 63.
- <sup>XXVI</sup> VON ESCHEN, op. cit. 2004.
- <sup>XXVII</sup> VON ESCHEN, op. cit. 2004.
- <sup>XXVIII</sup> VON ESCHEN, op. cit. 2004.
- <sup>XXIX</sup> Correio da Manhã, 28 de julho de 1957.
- <sup>XXX</sup> Tio Tom. É um termo pejorativo usado para se referir a uma pessoa negra que é excessivamente obediente ou servil a pessoas brancas. O termo tem origem em interpretações da obra de Harriet Beecher Stowe, *Uncle Tom’s Cabin*, escrita em 1853.
- <sup>XXXI</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATE. Air Pouch from Rio Embassy. Rio de Janeiro, September, 13, 1957. National Archives and Record Administration, Roll 5, frame 118-124. Microfilm publication M1511. Records of The Department of State relating to Internal Affairs of Brazil. 1955-1959. Record Group 59. Acervo digital do Opening the Archives. US Brazil relations 1910-1963. Universidade Estadual de Maringá -Brown University.
- <sup>XXXII</sup> Op. Cit., Roll 5, frame 188-124, M1511, NARA.
- <sup>XXXIII</sup> Última Hora (SP), 23 de março de 1955; Correio da Manhã, 18 de dezembro de 1955; O Jornal, 14 de julho de 1956.
- <sup>XXXIV</sup> Diário de Notícias, 14 de março de 1956; Correio da Manhã, 17 de junho de 1956; Última Hora (RJ), 19 de novembro de 1956.
- <sup>XXXV</sup> Correio da Manhã, 18 de janeiro de 1957.
- <sup>XXXVI</sup> Correio da Manhã, 15 de fevereiro de 1957.
- <sup>XXXVII</sup> Última Hora (SP), 28 de novembro de 1957; Correio da Manhã, 28 de novembro de 1957.
- <sup>XXXVIII</sup> Correio da Manhã, 28 de novembro de 1957.
- <sup>XXXIX</sup> Correio da Manhã, 22 de dezembro de 1957.
- <sup>XL</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATE. Air Pouch from Rio Embassy. Rio de Janeiro, November, 29, 1957. National Archives and Record Administration, Roll 2, frame 533-539. Microfilm publication M1511. Records of The Department of State relating to Internal Affairs of Brazil. 1955-1959. Record Group 59. Acervo digital do Opening the Archives. US Brazil relations 1910-1963. Universidade Estadual de Maringá -Brown University.
- <sup>XLI</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATE. Air Pouch from Rio Embassy. Rio de Janeiro, November, 29, 1957. National Archives and Record Administration, Roll 5, frame 151-158. Microfilm publication M1511. Records of The Department of State relating to Internal Affairs of Brazil. 1955-1959. Record Group 59. Acervo digital do Opening the Archives. US Brazil relations 1910-1963. Universidade Estadual de Maringá -Brown University.

### Referências bibliográficas

- BRAMEN, Carrie Tirado. **The Uses of Variety: modern Americanism and the quest of national distinctiveness**. Massachusetts: Harvard University Press, 2000.
- CULL, Nicholas. **The Cold War and the United States Information Agency: American propaganda and public diplomacy, 1945-1985**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- DAVENPORT, Lisa E. **Jazz Diplomacy; promoting America in the Cold War Era**. Mississippi: Mississippi University Press, 2009.

A DIPLOMACIA DO JAZZ NO BRASIL: A CRISE DE LITTLE ROCK E VIAGEM DE LOUIS ARMSTRONG COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA

LARA, J. V.

---

DIERENFIELD, Bruce J. **The Civil Rights Movement: the black freedom struggle in America**. New York: Routledge, 2021.

GILMAN, Nils. **Mandarins of the Future: modernization theory in Cold War America**. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MONIZ BANDEIRA, Luís Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PERRY, Ravi K; PERRY, D. LaRouth. **Little Rock Crisis: what desegregation politics says about us**. New York: Palgrave MacMillan, 2015.

RAFHAEL, Ray. **Mitos sobre a Fundação dos Estados Unidos: a verdadeira história da independência norte-americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RUPPRECHET, Tobias. **Soviet Internationalism After Stalin: interaction and exchange between the URSS and Latin America during the Cold War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SAITO, Yoshiomi. **The Global Politics of Jazz in the Twentieth Century: cultural diplomacy and “American Music”**. New York: Routledge, 2020

SCHLESINGER JR, Arthur. **Ciclos da História Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

TOTA, Antônio Pedro. **Americanização no condicional: Brasil nos anos 40**. Perspectivas. São Paulo, num. 16, 1993, 191-212.

TOTA, Antônio Pedro. **O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VON ESCHEN, Penny M. **Satchmo blows up the World: Jazz Ambassadors play the Cold War**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004.